

ANTRO POSITIVO
Bienal Sesc de Dança 2015
Piranha, de Wagner Schwartz

No início, a descrição etimológica de piranha nos explica as possibilidades: peixe-diabo, peixe-dente, peixe-tesoura. Cada qual, ampliando a consciência, a partir de relações com o mundo. Mente, corpo, cultura, resume o leiteiro projetado. Mas Wagner, não quer falar sobre peixe, fala sobre isolamento, sobre o ser confinado e limitado a um existir mínimo dentro de si e de algo. E fica ali, no canto do palco, trazendo o sentido do mínimo ao corpo que dança por espasmos sutis e violentos, sem qualquer outra movimentação. O corpo, então, assume o discurso simbólico também nesses três aspectos. É corporal mesmo, materialidade narrativa; é mental, pela exposição da intelectualização sobre si mesmo e que amplia a dimensão do movimento, como sendo a consciência do existir confinado ao ser; é cultural, ao se valer do gesto como discurso crítico sobre esse existir. Rapidamente, os espasmos, então, são suficientes para dar conta da dança pretendida. E, igualmente, também ao conceito de reclusão, qual busca. Conquista pela radicalidade as exatas sensações de impossibilidade, limite e entrega que mergulham também nas esferas da mente, corpo e cultura, respectivamente. Um espetáculo primoroso, de alto valor intelectual, sem perder em nenhum momento a dimensão poética de sua humanidade. E, ainda, com um dos textos mais interessante já escrito para os palcos nos últimos anos. No querer falar dos limites do homem, Wagner vai além dos próprios limites da dança e alcança a obra de arte.